

Rapazes!

Que triste coisa a gente ser Poeta!...
(Quanta vez a pensar eu me concentro)
Pois ninguém compreende a Dor secreta
Que nos tortura e que nos vai cá dentro!

Somos como os palhaços que, entre risos,
Procuram disfarçar a sua mágoa,
Fazendo rir, no circo, os guisos,
Com os olhos, talvez, bem rasos de água!

Mas esta vida é assim para quem mede-a
E queima o coração na sua chama:
—Uma tremenda e inférna comédia
Que, muitas vezes, se transforma em drama!

O remédio é aceitar esta mentira,
Pois cada um foi para o que nasceu;
Enquanto que dedilho a minha lira,
Olhando deste inferno para o céu!...

Eu bem sei que já fui como vós sois,
E que hoje sou um velho ao pé do que era;
Mas o Outono aproxima-se... e depois
Nunca mais torno a ver a Primavera!

Ai tendes, Rapazes, mais um BANDO
Para entreter a vossa Mocidade,
E se quereis pagar-me o que vos mando,
Abri-me as portas da Imortalidade!...

QUE foi que aconteceu?! Que ruim marasmo é esse
Que teus brios gelando, ó Guimarães, parece
Lentamente apagar os teus remotos brilhos?!
Acaso já não tens o afecto de teus filhos
Para te defender das azas do infortúnio?...
Que destino fatal às tuas almas une-o,
Como dura grilheta aos pés dum condenado?!
Dar-se há, porventura, o caso inexplicado
(Que com o nosso amor sempre leal contrasta)
De, na verdade, seres p'ra os filhos teus «madrasta»?!
Não quero acreditar: boa mãe não engeita
Aquêles que, algum dia, aos peitos seus aleita.
Se a Velhice perdeu o entusiasmo e a crença,
Lançando, em derredor, um olhar de indiferença;
Um olhar que não é senão uma saudade
Do tempo que passou, feliz, da mocidade,
—Outro tanto não deve acontecer a ela,
A' nossa Juventude esperançosa e bela,
Cujos olhos só põe, radiantes, no futuro.
Rasguemos esse veu sinistramente escuro
Que de más apreensões por sobre nós trasborda,
E clamemos bem alto: «O' Mocidade, acorda!
E' tempo de lutares por um nobre ideal:
—Seja êle o teu amor pela terra natal.
Todo aquêlle que despreza a terra em que nasceu,
Não ama a sua Pátria e êste dourado céu!
E que outra mais formosa existirá do que esta,
Que dir-se ia estar constantemente em festa,
Inundada de sol, de risos e de alfombras,
Por onde a gente vai gosar dúlcidas sombras?!
Que pródigo Deus foi, com suas mãos piedosas
Em convertere la assim num canteiro de rosas!...»
Assim pensava eu... Mas eis que ora te vejo
Caminhar para trás, como anda o caranguejo,
E sem dó, nem piedade pelo património
Que herdaste dos avós (não lembra isto ao demónio!)
Olhando, com rancôr, para os teus monumentos,
Ousaram arrancar-te a talha dos conventos!
Algum tempo depois, e como por acinte,
Tiraram-te de cá Infantaria 20.
Em vão fôste pedir, colérica, ao Govêrno,
Que houvesse para nós um proceder mais terno.
Nunca mais, dê-de então, embora custe, enfim,
Fomos ouvir tocar a música ao Jardim!
Por isso tem corrido há tempos o boato
De que a Câmara pensa em fazer um contracto,
Com o fim de adquirir ali nas «NOVIDADES»
Um gramofone bom, para matar saudades...
Dou-lhe os meus parabens e está nos seus direitos.
Já, por isso, mandou pôr os bancos direitos.
Sócios meus, que o Menano ainda não ouvistes,
Já não será mister dar a «volta dos tristes...»
Não ficou por aqui ainda o nosso mal:
—Acabaram êste ano com o Liceu Central!
Oxalá que algum dia ainda, Deus do céu,
Não acabem também com o próprio Liceu!
E sempre tudo isto, embora o negue a critica,
Por causa da maldita Porca da Política;
Dessa porca revelha e sorna e fedorenta
Que por todo o País a todos atormenta.
Mas visto estar p'ra breve o tempo da matança,
E tôda a gente q'r'er empanturrar a pança,
Hoje, aqui, vou propôr a todo o lambareiro
Para me auxiliar a assaltar o fumeiro!...
Ora digam-me agora o que nos levam mais:
—A Escola Industrial e as Escolas Centrais?!...
Levai, levai-nos tudo e acabe-se com isto,
Porque ainda muito mais sofreu o pobre Cristo!...
Eu bem sei, Guimarães, que adoras o Progresso,
Mas, se olho para ti, só vejo Retrocesso!
Eu bem sei que tu tens já rede-telefónica
Para poderes falar, em linguagem lacónica,
Com a China, o Japão e com o Polo Sul!
Eu bem sei que o Toural fica todo tãful,
Coberto de mosaico, à moda do Rocio,
E até o D. Afonso, orgulhoso, sorriu,
E pôs-se a soletrar o gótico arrebique:
—LISBOA, SA NTAREM, S. MAMEDE e OURIQUE!...
Também sei que o Turismo enfeitou-o a Penha;
E que vimaranense há aí que se detenha
Sem já lá ter subido de camiónete?
—E' assim que o Bom Jesus num chinelo se mete...
Mas ainda irá mais longe a sua iniciativa
Que, em breve, tornará aquela serra altiva,
De todo o Portugal, na mais formosa estância,
A eléctrica se vê à medonha distancia
De cem léguas a pé... De noite é como dia;
E êste ano, no verão, houve lá tal folia
Para entreter o tempo a quem não tinha sono,
Que até, tapando a cara, o próprio Pio-Nono
Clamou em alta voz, de cima dos penedos:
«Meu Deus, levai daqui p'ra longe êstes brinquedos!...»
Voltando, novamente, os olhos cá p'ra baixo,
Alguma coisa mais para dizer-vos acho:
—Vós que vos orgulhais de terdes em Sarmento

Pregão Escolástico

Recitado em 5 de Dezembro de 1928

PELO QUINTANISTA DO

LICEU MARTINS SARMENTO:

Humberto Guimarães Pinheiro

Um conterraneo illustre, imortal ornamento
Da lusa Arquelogia — olhai essa Muralha
De que resta sómente agora essa migalha!
—Cortaram-lhe um pedaço e, com fatais ideias,
Cobriram-na de terra até quasi às ameias.
Não contentes com isto, abriram-lhe uma porta
Que jamais existiu, pondo a muralha torta,
Para ali entalar os Paços do Concelho,
Tapando-nos em cima, o Paço nobre e velho!
Oh, que tristeza faz essa reliquia agora,
Se a gente a comparar com o que foi outrora!...
Guimarães vai perdendo o seu aspecto antigo,
Mercê dêsse mau gosto exótico e inimigo
Que tenta demolir tudo quanto era belo
E é capaz de ameaçar as ruínas do Castelo!...
Louvado seja Deus, que escapou, por um tris,
O histórico, famoso e lindo Chafariz...
Ainda bem que, no meio desta derrocada,
O claustro se restaura da Colegiada,
E de Alberto Sampaio consagrando o título,
Um Museu se abrirá na sala do Capitulo,
Para um dia os vindouros, boaquibertos, mudos,
Não verem Guimarães só cheia de canudos!...

Firmou-se, finalmente, a paz entre as Nações.
Nunca mais se ouvirá o eco dos canhões,
Que enchera de pavor as campinas da Flandres.
Podem desenvolver-se as castanhas e as landres,
Que já não haverá mais ninguém que revogue
O pacto que, em Paris, fez assinar Kellogg...
Enquanto que a Inglaterra, a França e a Alemanha
Pensam em como é que hão-de dar mais castanha...
Já Marte estremeceu, numa ânsia estarracida,
Por lobrigar também que a terra tinha vida,
E mandou apagar, de noite, a luz eléctrica,
Temendo acontecer-lhe alguma coisa tétrica!
Bem certo é o que sonhava o grande Júlio Verne:
—Um dia chegará em que o homem governe
As leis da Natureza, e o próprio Deus, lá em cima,
O scetro deporá de Rei que desanima!...

Senhoras, consenti que levante meus olhos
Dêste abismo da Dor, dêste vale de abrolhos,
E me esqueça a sonhar no vosso amor sómente,
Pois só êle, êle só é que nunca nos mente!
Que valem ambições, palácios e riquezas,
Se em vosso meigo olhar há um mundo de belezas,
Um mundo de prazeres, de célicas delicias,
Tecido de luar, de beijos e caricias!
Deixai o fox-trot, o tango e os chás-dansantes;
E vind-nos amar, a nós, os estudantes.
Minerva não se zanga; a Deusa da Sciência,
Cansada de viver na olimpica eminência,
Desceu do áureo trôno em célere avião,
E seus divinos pés pousando sobre o chão,
Tirou o capacete e o arnez de que se ufana,
E vem hoje cear connosco à americana...
Oh, nunca elogieis as negras sufragistas,
Votai na nossa urna as vossas brancas listas!
E embora vós useis cabelos à ninon,
Saiais pelo joelho e lábios com baton,
Não queirais imitar nunca o Sexo-forte,
Pondo em risco de vida a vossa frágil sorte!...

Tricatinhas, e vós?! O que é que vós quereis?!
Casardes-vos, talvez, com um Doutor de Leis!
Oh, não! não pode ser! E' papa muito fina
Para quem traz as mãos sujinhas da oficina.
Tenho pena de vós, oh, muita pena tenho
De ver-vos padecer e o meu maior empenho
Era ver-vos calçar no «ATLAS» ou na «FOX»
O mais fino sapato e que mais caro fôsse!
O pior... o pior—estais a adivinhar...—
E' eu não ter dinheiro para vos amar!
Contento-me em ouvir, pelo vosso caminho,
A moda que anda agora assim: «Santo Antoninho...»

Sopeiras duma cana, ó meigos querubins,
Que ides comprar café ao «RIBEIRO & MARTINS»,
Chinela de verniz e meias muito boas,
Dentro em pouco sereis vós mesmas as patroas!...
Está tudo mudado e não me espanto nada
De ainda chegar a ouvir dar ordens a criada!
Para a frente é que é! Deixai-vos de panelas,
Que a gente anda a estudar p'ra se agarrar a elas!

Já basta de trocar; isto é um velho geito
De gostar de berrar a torto e a direito.
Pois que graça terá dizer só babusices,
Se eu não vejo, afinal, fazer senão tolices?!...
Mas sinto-me cansado e ponto vou fazer,
Para no ano que vem também ter que dizer.
E' tempo de partir. Adeus! E vou-me embora
Prêgando estas razões por êsse mundo fora.
Mas antes quero ouvir rufar com bem ardor
Um hino colossal de caixa e de tambor,
Para que Nicolau, o Santo nobre e grande,
Julgue, ao ouvir-nos no céu, que isto é um jazz-band!...

Dêo gratias.

Jerónimo de Almeida.